



### GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Leroi-Gourhan. Infelizmente também se dá aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

#### **Queimadas como meios técnicos: apontamentos para uma mesologia do gerais do Jalapão (TO)**

**Autoria:** Guilherme Moura Fagundes

Não apenas no Jalapão (TO), mas talvez em toda a grande área do Brasil central compreendida como ambiente de gerais, queimada é uma categoria geográfica distinta do ato mesmo de queimar, tal qual costuma aparecer na legislação e no debate normativo sobre o uso do fogo agrícola. Ela se refere, antes, aos caminhos por onde o fogo passou eliminando o cru (capim agreste), fomentando a rebrotada da vegetação nativa e possibilitando interações técnicas variadas entre humanos, animais e plantas. No intuito de melhor qualificar as queimadas como "meios técnicos" (Leroi-Gourhan, 1984), nesta comunicação me apoio em materiais etnográficos e visuais desenvolvidos junto a quilombolas habitantes do gerais do rio Preto, região do Jalapão. Mais particularmente, adentro no universo da caça, criação de gado no regime de solta e extrativismo do capim-dourado (*Syngonanthus nitens*) atividades que se estabelecem no interior das queimadas. Para tal, sugiro uma abordagem antropológica da técnica a partir da mesologia (Berque, 1990), ou ciência dos meios, como alternativa metodológica à ecologia de matriz naturalista. O objetivo consiste tanto em colaborar para a compressão etnográfica das queimadas, como também esboçar uma mesologia do gerais paralela ao esquema padrão das fitofisionomias do Cerrado. Referências bibliográficas: BERQUE, Augustin. 1990. Médiance de milieux en paysages. Montpellier : Reclus. LEROI-GOURHAN, André. 1984. Evolução e Técnicas: II- Meio e Técnicas. [1945] ed. Lisboa: Edições 70.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

